

pintura física e moral da mulher amada, surpreendeu todavia muitos outros recantos indevassados do poder artístico do poeta na descrição e comunhão da natureza. Os limites desta nossa apreciação não permitem pôr em evidência outros tantos achados da investigação do prof. Cidade, que devassou ainda a religião do poeta, descobriu na lírica o espírito de cruzada que vivifica o seu poema épico, o culto do herói clássico — numa confirmação do conceito de hierarquia social e do aristocratismo de espírito do poeta; os meios expressivos de sua arte e até onde atuou na criação literária do poeta a diretriz racional na formação dos símbolos e das metáforas.

O livro do prof. Cidade constitui, por todos e outros motivos, um jôro de luz sobre a figura do criador das Tágides, esse poeta que oscilava “entre os dois polos opostos da vida espiritual: — o naturalismo pagão da moda cultural e o espiritualismo tradicional de inspiração cristã”.

SIGISMUNDO SPINA

PEREIRA DA COSTA (F. A.). — **Anais Pernambucanos**. Vol. II: 1591-1634. Arquivo Público Estadual. Recife, 1952. 638 p.

Em o número anterior desta **Revista** tivemos ocasião de noticiar o aparecimento do primeiro volume dos **Anais Pernambucanos** de Pereira da Costa, publicado pelo governo de Pernambuco, por iniciativa do sr. Agamenon Magalhães. Terminamos aquela nota fazendo votos para que tão valiosa iniciativa não ficasse no primeiro volume. E não ficou!... Mal entrou para o prelo o número anterior da **Revista de História**, recebemos o volume segundo da obra do historiador pernambucano, compreendendo os anos de 1591 a 1634.

Alcançando os primeiros anos da dominação holandesa, encerra este segundo volume preciosos subsídios para o estudo desse período de nossa história, extraído (o que é digno de menção) tanto de fontes portuguesas e brasileiras, como de holandesas. Tais subsídios não se limitam aos aspectos políticos e administrativos, mas, também, aos aspectos sociais, religiosos, étnicos e, sobretudo, econômicos. O A. travou conhecimento com a bibliografia holandesa referente ao Brasil, a começar pelo opúsculo de Moerbeek, que constitui verdadeiro ponto de partida para o estudo do período holandês. Convém lembrar que o referido opúsculo, que data de 1624 e se intitula **Motivos porque a Companhia das Índias Ocidentais deve tentar tirar ao Rei da Espanha a terra do Brasil** foi divulgado entre nós em 1942, numa edição do Instituto do Açúcar e do Alcool, traduzido pelo Padre Agostinho Keijzers e anotado por José Honório Rodrigues. Cumpre salientar, ainda, neste segundo volume dos **Anais Pernambucanos**, a reprodução de duas magníficas estampas da obra **América** de Arnoidus Montanus, impressa em Amsterdão em 1671.

“Lançado agora o presente volume (do prefácio), que, como se sabe, é o segundo de uma série de dez, praza aos céus que não se interrompa o ritmo de sua publicação, para que chegue a bom termo, divulgando-se todo esse monumento histórico, dentro do período governamental em que vivemos.” Es-

te é, também, o desejo de todos os estudiosos da história pátria, e esperamos que a morte do governador Agamenon Magalhães, há pouco ocorrida, não venha interromper a obra de divulgação que, em tão boa hora, iniciou.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

SOUZA (Eusébio de). — **História Militar do Ceará.** Monografia n.º 15 da Série História do Ceará, da Coleção Instituto do Ceará. 1950 (Obra póstuma).

Destinada a integrar uma coleção de assuntos cearenses, a presente obra pretende historiar a evolução das instituições militares no Estado do Ceará.

Apresenta-nos, assim, os fatos da ocupação militar do litoral, por portugueses e holandeses; a organização militar, desde o Comando das Armas, até a criação da 10.ª Região Militar, os corpos militares e para-militares; os movimentos armados; a cooperação do Ceará na Guerra do Paraguai e II Guerra Mundial; vultos militares cearenses.

Sem considerar-se o acendrado amor ao seu terrão natal, o panegírico de seus conterrâneos e o estilo jornalístico, de tudo o que o autor não pôde se livrar, o trabalho apresenta pontos altos e baixos.

Uma cuidadosa pesquisa bibliográfica e diplomática e a perfeita elucidação dos fatos constatados, são os elementos positivos.

O plano da obra, entretanto, é discutível, pela sua essência e pelo seu conteúdo. O que contém, de mais ou de menos, pode ser explicado pela falta de revisão final, pois é obra póstuma (de acordo, aliás, com os esclarecimentos da família do Autor). Assim, às vezes é por demais extenso e minucioso. Transcreve o inteiro teor do decreto que estabeleceu as flâmulas simbólicas de Comando, na Polícia Militar. Enumera os retratos inaugurados na sala de Comando de uma Unidade do Exército, etc. Por outro lado, citando a participação dos cearenses nas guerras do Brasil, omite a Revolução Acreana de 1899, na qual os cearenses exerceram destacado papel. Não procurou, também, o A., de forma alguma, explicar a ocupação e colonização militar do Ceará. Por que os fortes? Por que foram localizados onde estão? Contra quem?

Já se formos verificar o plano, em sua essência, constataremos algo que compromete seriamente a obra.

De fato, não se pode colocar sob nome de História Militar tudo que diga respeito a fortins, quartéis, vultos militares, etc. Nem mesmo a descrição de combates e feitos heróicos, a citação de datas e efetivos, a participação de militares na política. A História Militar tem sua individualidade — porque é uma especialização da História — no estudo dos fatos militares em si, a reunião dos meios para a batalha (estratégia), e o modo de dirigi-los e empregá-los no combate (tática).

Ora, nada disso encontramos nesse livro. Parece-nos, mesmo, não caber no Ceará uma História Militar. Teremos, sim, uma contribuição ao estudo da História Administrativa do Ceará, mesmo uma História das Instituições Mili-